

DIAS, ALINE. *BAGUNÇA*. VITÓRIA: MARÉ, 2025.



(Foto de Higor Ferraço)

Aline Dias*

Sobre *Bagunça* eu posso dizer o que eu quis dizer e também o que me disseram que entenderam, explicar a intenção ou o arrebatamento que

* Jornalista e escritora, autora de *Vermelho* (novela, 2012), *Além das pernas* (contos, 2015), *A única coisa que fere é manhã pós-amor* (prosa poética, 2017), *E se o mundo descostura?* (literatura para crianças, 2023), *Suja* (poesia, 2024), *O roubo do sol*, em parceria com Max Hidalgo e Irene Pérez (literatura para crianças, 2025).

ocasionaram algumas escolhas, comentar sobre o idioma e sobre pedaços de mim que se colocam em minha obra.

Antes, no entanto, é bom que se saiba que nasci em Cachoeiro de Itapemirim, ES, mas passei boa parte da infância em Iúna, no mesmo estado. Formei-me em Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e venho trabalhando como assessora de comunicação e repórter em diversos veículos locais e nacionais. Publiquei vários livros em prosa e verso, estreando com a novela *Vermelho*, em 2012.

Bagunça é minha narrativa mais longa até agora, um romance que levou sete anos para ser escrito. As escolhas da protagonista se dão todas para que a história aconteça, e também assim se dão as escolhas da narradora do livro e da escritora que sou ao inventá-la. Nesta resenha, proponho-me a dizer sobre a linguagem escolhida, a violência dos fatos, o tom da narração e um pouco de como entendo a história que está sendo contada.

Gosto muito de pensar em modos de dizer, e em *Bagunça* eu me organizei bastante para isso, que divido abaixo com trechos específicos e escolhas destrinchadas desta autora que sou, embebida de todo drama, forró, novelas mexicanas e História que me precederam.

Linguagem:

- Cruiz em credo! Cara feia pra mim é fome! Acena pra ele, Stéfanny!
- Eu? Eu pra quê?
- Eu tô com vergonha.
- E eu não tô vendo nada.

E Analuz andou xingando a neblina até Marco acenar num fundo branco sorrindo aquele sorriso branco e brilhante e fosco pendurando um tchau feito de mão, desses que significam oi.

– Aú! Que ele gostou de eu! – Analuz teve seus dentes multiplicados num sorriso e passou a andar saltitante sacudindo as mãos morenas.

Stéfanny riu. Achava aquela a coisa mais bonitinha que já tinha visto da amiga destrambelhada em todos os tempos (DIAS, 2025, p. 64).

O *Bagunça* surge desde antes da história, e primeiro pelo sotaque dos personagens. O sotaque dos personagens foi minha primeira e mais contundente defesa diante dos meus leitores-beta que achavam aquilo tudo muito exagerado. “Aú! Que ele gostou de eu!” é uma frase que não cabe muito aos literatos, e que deve ter me custado pontos de classificação nos concursos que tentei. Mas sustento todos os “Aús” escritos. Sustento todos os “aús” porque são ditos em todos os rodeios (de boi, mesmo), e a pessoa que gosta de rodeio pode querer gostar de ler também e não se encontrar nunca em uma história.

Quando eu era criança eu pensava que em nenhum livro os personagens falavam ou viviam do jeito que a gente falava e vivia. Ainda assim, eu gostava de ler. *O sítio do pica-pau amarelo* tinha alguma coisa de próximo, mas não era muito porque as crianças não iam para a escola. Férias não é cotidiano. Eu queria meu cotidiano sendo importante também.

O *Bagunça* foi um livro forjado para mostrar cotidianos de pessoas no interior do Espírito Santo, com o sotaque “caparaônico” que eu nunca tive (porque tinha vergonha), mas que ouvia de todas as bocas do entorno e ainda hoje escuto.

Violência:

Analuz olhava para o suco de laranja em cima da mesinha. Dona Tereza respirava baixo, via que a menina não olhava. A menina não sabia levar nada a sério. Dona Tereza buscou duas coisas na cozinha, a vara e um pano.

- Limpa essa mesa agora, Analuz.
- Pera aí, mãe.
- Eu disse que é senhora que fala.

Tereza acendeu a luz da sala, pôs-se ao lado da menina e jogou o pano ao lado do copo de suco. Analuz olhou e viu uma mãe gigante de vara na mão, depois a vara nela, cantando pelas pernas. Analuz nem

entendeu quando o copo quebrou. Só sentiu as feridas e o tempo. O tempo em cada ferida e suas pernas feias.

Enquanto se encolhia, Analuz não ouvia nada. Dona Tereza, no entanto, gritava:

– É agora que você aprende a respeitar autoridade (p. 24).

Há um modo de viver, uma violência costumeira que pouco se comenta porque é cotidiana. Quando eu mostrei para as primeiras pessoas as primeiras versões do *Bagunça*, meus leitores (residentes em grandes cidades) se assustavam com aquela violenciazinha que eu achava tão normal.

A violência é uma constante em minhas obras; ela está presente na novela *Vermelho*, nos contos de *Além das pernas*, na prosa poética de *A única coisa que fere é manhã pós-amor* e na narrativa para crianças *O roubo do sol*. A vilania, também, é constante em meus personagens. Giordano, de *Vermelho*, nasceu vilão. Nos contos, temos personagens e mais personagens tomados por raivas e tomando decisões irresponsáveis.

Defendidas pelo deboche ou pela dor funda, minhas mulheres vão muito bem quando estão em duas páginas. Giordano comete irresponsabilidades e crueldades durante toda sua novela (mais de 80 folhas, a depender da edição) e as leitoras saem apaixonadas, achando-o super pertinente porque bem-humorado e atlético.

Mas Analuz, de *Bagunça*, não tem a mesma sorte. Analuz não apanhava nas primeiras versões do livro, e era abandonada antes do terceiro capítulo. Ela só ganhou empatia quando eu escrevi a última cena, uma surra de vara de goiabeira no final do capítulo 1 do livro (trecho que vocês leram acima).

As pessoas só puderam amar e torcer por Analuz depois de verem graficamente seu corpo apanhando e um copo de suco de laranja em cima da mesa. Giordano não apanha em nenhum momento; ele faz todas as coisas ruins do livro e sai amado. Analuz só pode ser amada depois do castigo.

Ela também tem suas crueldades, chama as pessoas por nomes que elas não escolheram, coloca o próprio desejo acima do resto do mundo sem medir consequência para os outros. Ora, é uma adolescente. Faz escolhas ruins e sofre as consequências de suas escolhas. Mas não. Ela não tem a mesma empatia destinada a personagens homens. Ela não conta com tanto carinho no planeta. Ao menos é isso que as pessoas têm me dito. Eu, pessoalmente, tenho mais empatia por Analuz e dona Tereza do que por todos os outros personagens que eu mesma inventei.

Ninguém chama Giordano de bruxo. Dona Tereza, coitada, nunca vi um personagem tão xingado em meu vasto panteão de personagens. A mulher é uma Geni. Coitada.

Depois vocês podem dizer que fui eu mesma quem fiz a Dona Tereza. E fui eu, sim. Mas eu não escolho para onde vai a empatia do planeta. Eu jogo ali as vidas e as histórias que motivaram suas vilanias, ruindades, violências. Todo mundo faz alguma violência. E também na violência estou retratando modos de vida, esse modo que no interior não assusta quase ninguém.

Narradora:

Voltar é ruim, ela pensou. Mas parar também é ruim. Analuz foi dar comida pras galinhas e brincou com elas pra fugir de uma resposta pra si mesma. A própria cabeça inventava um turbilhão de palavrões porque ela se sentia compelida a decidir logo o resto da vida, e não sabia decidir isso. Não sabia decidir nada. Passa, galinha, passa. Ô, Dona Glorinha! Vamo cozinar a Genoveva hoje. A vida é uma galinha ciscando o terreiro. Muito hábito e pouca utilidade geral, a não ser quando se para pra matar a fome. De quê? Genoveva iria para a panela e mataria a fome deles. Genoveva ciscava e tinha função. Analuz teve medo de morte. Ô, meu Jesus Cristinho do Caminho Aberto, mata nada não.

Mas Jesus Cristinho estava mudo (p. 197).

Escolhi escrever personagens pouco afeitos a estudo e reflexão sobre a própria vida. Refletem pouco, vivem muito, permanecem numa força enorme de existir,

sobreviver, sei lá. Eles vivem diferentemente da gente intelectual encerrada em estantes e quartos e confortos. Eles têm suores, guerras de mamonas, galinhas, entendimento de corpo e aceitação diversa das emoções. Nenhum dos personagens de *Bagunça* poderia escrever um livro ou dar tanta conta da própria narrativa a ponto de contá-la com coerência.

E foi assim que resolvi que não poderia fazer uma narradora personagem. Eu pensava que não dava pra ninguém ali saber de tudo e a história ser resolvida ao mesmo tempo. Eu precisava da história resolvida e contada. Então antes da primeira linha eu já sabia que a voz não ia ser de nenhum dos personagens dali (desconfiei de uma professora, do Mário e de uma aluna específica que era mais estudiosa antes de bater o martelo. Contudo, percebi que ia ter que ser uma outra história se fosse um deles narrando essa.)

Pensei muito em Clarice Lispector inventando o Rodrigo SM para contar com frieza a história de Macabéa como só um homem faria. E pensava: a história de Analuz não tem como ser contada por um homem. Tem detalhe demais que só mulher percebe. Tem higiene, tem beleza, tem questões de pele, acne, rejunte, a Xuxa, o lugar no mundo.

Não que fizesse diferença a um narrador onisciente ser homem ou mulher. Mas na minha cabeça sempre foi uma narradora quase personagem, mas quase personagem como uma deusa e não como uma pessoa que fizesse de fato parte da história.

Eu queria uma linguagem da narradora que se misturasse às outras linguagens, que entrasse na cabeça dos personagens, que tivesse alguma personalidade mas não muita a ponto de ficar maior do que a história. Eu só fui entender, depois do livro praticamente pronto, que escolher assim a narradora não me permitia um mínimo erro de narrativa.

E percebi depois de já ter lido o livro mais de 15 vezes procurando esses erros. Porque para mim era claríssima a impossibilidade de erro. A possibilidade é que

virou uma surpresa quando alguém me disse: "Nossa, Aline, você fez um narrador difícil, um narrador que não pode errar". E eu pensei: "Ué, então eu podia fazer um narrador que podia errar?". Foi engraçado.

História

Via que a menina falava alto como a mãe, mas percebia nela a capacidade de esconder-se e mostrar-se como bem entendia. As outras seguiam bem as regras impostas de escola e casa, namoros e roupas. Tereza dizia que Analuz dava muito trabalho, mas Liceu achava que trabalho mesmo davam os pastos. Pasto pra virar terra de plantio é que dá trabalho. Menina a gente olha e espera madurar. Tereza não acreditava na teoria, então Liceu não insistia. Esperava o tempo dizer pra ela se estrepar.

A guerra fria de casa era como criar filha. Tereza ensinava casa, Liceu ensinava terra (p. 49-50).

Analuz é uma adolescente a maior parte do livro, e ela está virando adulta e tenta cumprir os próprios desejos, entender os próprios propósitos, viver com alguma graça. As coisas da vida vão indo contra ela, que tem uma personalidade obstinada, e segue em frente sem entender direito por que segue.

Sua história é um grande dramalhão e foi inspirada por algumas histórias que eu ouvi quando era criança. No início eu achei que ia escrever uma história engraçada juntando as bagunças da minha escola com as coisas tristes que eu tinha previsto de acontecerem.

Acho que fiz foi uma tragédia com uns trechos cômicos pra facilitar a deglutição, mas com um amarguinho no fundo. Talvez até uma azia.

Recebida em: 2 de junho de 2025.
Aprovada em: 9 de junho de 2025.